



A EXPERIÊNCIA DE INCLUSÃO DOS ALUNOS COM DEFICIÊNCIA NA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO LICEU DE IGUATU (CE): CONSTRUÇÃO DE UMA ESCOLA PARA TODOS

José Douglas de Abreu Araújo (1); Jaqueline Barbosa Teixeira (1)

Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Ceará campus Iguatu, douglasabreu@live.com

Resumo: O trabalho subsistiu através da pesquisa, leituras e análises de vários documentos da Escola de Ensino Médio Liceu de Iguatu (CE) Dr. José Gondim, pretendendo comentar a experiência de inclusão bem sucedida na referida escola com a abordagem qualitativa descritiva e usando às técnicas de análise documental. Com todo o enfoque legislativo nos últimos anos em construir escolas inclusivas, muito se tem debatido sobre esse novo sistema educacional e diversas escolas tem vivenciado a prática dessa experiência inclusiva de forma exitosa. Perante isso, esse estudo alcunhado “A Experiência de Inclusão dos alunos com deficiência na escola Liceu de Iguatu (CE): construção de uma escola para todos” tem como objetivo central expor a experiência inclusiva dos alunos com deficiência na escola Liceu de Iguatu (CE), apresentando os avanços da escola e dos alunos como o processo de acolhida e continuidade da educação especial na perspectiva inclusiva e as diversas questões escolares das pessoas com deficiência. A escola obteve um percurso inclusivo com desafios nunca vivenciados no seu interior, contudo toda a comunidade se compromissou com o melhor para os colegiais e buscaram materializar a inclusão das pessoas com deficiência trazendo, mudanças arquitetônicas e atitudinais, novas metodologias de ensino conforma a especificidade de cada educando proporcionando condições de aprendizagem e igualdade na educação. O trabalho da escola apresentou conquistas imensas para a formação de cidadãos conscientes e na busca da emancipação das pessoas com deficiência.

Palavras-Chave: Educação Inclusiva, Educação Especial, Pessoa com Deficiência, Ensino.

INTRODUÇÃO

As escolas sem saber a grandiosidade da diversidade e a riqueza das relações entre as pessoas diferentes não promoviam uma educação na diversidade, assim não existia uma convivência plural; o estudo e o conhecimento no início do novo milênio estava ainda abarrotado do espírito arcaico e tradicional. Com as conquistas educacionais alcançadas pelas lutas sociais que almejavam uma educação emancipadora, novos documentos nacionais e internacionais propiciaram a abertura das portas das escolas para toda e qualquer pessoa, entre essas as pessoas com deficiência que por muitos séculos foram segregadas e privadas de vivenciar experiências provindas da convivência interpessoal e social necessárias para seu desenvolvimento humano como afirma



Ferreira (2005, p. 72) “o desenvolvimento de qualquer sujeito está articulado com sua constituição orgânica, mas é fundado, constituído na vida coletiva”.

A escola Liceu de Iguatu Dr. José Gondim frente a todos estes processos na sociedade de assentimento a diversidade, vivenciou uma mudança de paradigma na matrícula do seu primeiro aluno com deficiência, abrindo-se a uma educação com novas perspectivas que abrangesse a inclusão e uma reorganização do regimento e projeto político para garantir acesso, permanência e condições de aprendizagem a todos por meio da inclusão que “vem quebrar barreiras cristalizadas em torno de grandes estigmatizados” (WERNECK , 1997, p.30).

A experiência de inclusão dos alunos com deficiência na escola Liceu de Iguatu (CE), caminha para chegar à aquisição de uma escola para todos. Os desafios foram sendo obstruídos com o debate entre os envolvidos, a preocupação em incluir os alunos com deficiência é explícita e para isso as barreiras desse processo foi sendo analisada e enfrentadas mesmo com a ansiedade dos professores e a novidade com os alunos sem deficiência e o receio misturado com a alegria que vivenciava os alunos com deficiência, tudo isso manifestação desse processo de incluir que segundo Mantoan (2005), “é a nossa capacidade de entender e reconhecer o outro e assim, ter o privilégio de conviver e compartilhar com pessoas diferentes de nós”.

A oportunidade de se fazer memória a história do processo de inclusão da escola Liceu de Iguatu (CE), surge perante os próprios profissionais da educação, alunos com deficiência e comunidade escolar que louvando o trabalho realizado até o ano de 2015, fizeram menção ao registro escrito de tal prática. Desta forma o trabalho objetiva expor a experiência de inclusão dos alunos com deficiência na escola comum Liceu de Iguatu (CE) Dr. José Gondim explanando o processo de construção empregado no acolhimento da diversidade na escola junto com a organização e novas metodologias empreendidas para que o incluir saísse do papel e realiza-se na prática. Para a fundamentação deste trabalho foi realizada uma leitura nos documentos como relatórios, ofícios, registros fotográficos, etc, a fim de compreender um pouco mais sobre o processo de Inclusão na escola supracitada e todo o trabalho realizado para a emancipação dos alunos com deficiências que acessaram a escola.

METODOLOGIA

O trabalho teve como recurso metodológico a abordagem qualitativa descritiva e as técnicas de análise documental. A pesquisa qualitativa cogita com “o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações



dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 1995, p. 21-22).

Para alcançar seus objetivos a pesquisa descritiva foi utilizada sendo que ela “expõe características de determinada população ou de determinado fenômeno. Pode também estabelecer correlações entre variáveis e definir sua natureza. Não tem compromisso em explicar os fenômenos que descreve, embora sirva de base para tal explicação” (VERGARA, 2004, p. 47)

As técnicas de análise documental é uma metodologia “pouco explorada não só na área da educação como em outras áreas das ciências sociais” (LÜDKE e ANDRÉ, 1986: 38). No entanto essa análise documental promoveu a coleta dos dados para descrever a experiência de inclusão dos alunos com deficiência na Escola Liceu de Iguatu.

A obtenção dos dados, no contexto de uma escola da rede estadual de ensino médio da escola Liceu de Iguatu Dr. José Gondim na cidade de Iguatu Ceará, em que viveu um processo de inclusão de alunos com deficiência, vem de encontro à pesquisa realizada no ambiente natural, que é a fonte direta de dados sendo o pesquisador o seu principal instrumento (LÜDKE e ANDRÉ, 1986). As observações realizadas buscaram descrever e investigar o contexto histórico da escola com as matriculas de alunos com deficiência os procedimentos de inclusão tomados até 2015 na escola.

A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA EXPERIÊNCIA INCLUSIVA COM ALUNOS COM DEFICIÊNCIA NA ESCOLA LICEU DE IGUATU (CE)

A Escola de Ensino Médio Liceu de Iguatu Dr. José Gondim iniciou sua experiência de inclusão com os alunos na sala comum e o atendimento a estudantes com deficiência no ano de 2008, com o ingresso do adolescente surdo, Caio Marcellus Silva de Matos, na primeira série do ensino médio. Com ele veio o intérprete de Libras o professor Ms. Damião Michael Rodrigues de Lima para acompanhá-lo como intérprete no trabalho da sala de aula. Estes primeiros passos abriram o caminho para a construção de uma educação inclusiva que tem como princípio “a certeza de que Todos têm o direito de pertencer, de que necessitamos compreender e aceitar as diferenças” (PAROLIN , 2006, p. 29).

O núcleo gestor, à época, inexperiente no assunto de Inclusão, buscou conhecer o processo para desenvolver da melhor maneira possível o trabalho de integralização humana em todas as suas dimensões, tanto no acolhimento ao aluno com deficiência, quanto para atender às exigências da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que em seus artigos 58, 59 e 60 determina incluir os



alunos especiais na rede regular de ensino, enfatizando não apenas integrar, mas de fato, incluir, oportunizando a estes alunos o acesso, permanência e sucesso na escola e na vida. Assim incluir “postula uma reestruturação do sistema de ensino, com o objetivo de fazer com que a escola se torne aberta às diferenças e competente para trabalhar com todos os educandos, sem distinção de raça, classe, gênero ou características pessoais” (DUTRA, 2003, p.46). No entanto é preciso ter atento ao que propõe a LDB nos seus termos para o cumprimento do direito dos estudantes.

Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)

Art. 59. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação: (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)

Art. 59-A. O poder público deverá instituir cadastro nacional de alunos com altas habilidades ou superdotação matriculados na educação básica e na educação superior, a fim de fomentar a execução de políticas públicas destinadas ao desenvolvimento pleno das potencialidades desse alunado. (Incluído pela Lei nº 13.234, de 2015)

Art. 60. Os órgãos normativos dos sistemas de ensino estabelecerão critérios de caracterização das instituições privadas sem fins lucrativos, especializadas e com atuação exclusiva em educação especial, para fins de apoio técnico e financeiro pelo Poder Público. (BRASIL, 1996).

De posse destas informações do documento oficial (LDB), e outras informações junto à família do aluno Caio Marcellus, os profissionais desta Instituição de Ensino, perceberam que o aluno surdo, sob o olhar atento do intérprete, faria parte das mesmas exigências, no que se refere ao trato com os conteúdos, e essa proposta seria válida para todos os estudantes especiais que ingressassem no Liceu a partir daquela data. O aluno saiu da escola em 2010, fez vestibular pela Universidade Federal da Paraíba, foi aprovado, e em 2014, concluiu curso de Licenciatura em Letras Libras.

A escola tinha que formular sua face e seu papel frente a demanda da inclusão no que diz respeito a se organizar para acolher e atender aos alunos garantindo seus direitos para isso “as práticas pedagógicas em uma escola inclusiva precisam refletir uma abordagem mais diversificada, flexível e colaborativa do que em uma escola tradicional”. (PACHECO, 2007, p. 15)

No período de 2010 a 2014 o número de alunos com deficiências auditiva e visual cresceu consideravelmente e por essa razão foi necessário organizar um espaço de atendimento específico para garantir um trabalho de qualidade aos estudantes que cada vez mais, têm como referência a escola Liceu de Iguatu. Assim a Sala de Recursos Multifuncionais (SRM) do Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA), que já era constituída como um “ambiente dotado de equipamentos, mobiliários e materiais didáticos e pedagógicos para a oferta do atendimento educacional



especializado”, (BRASIL, 2011), foi transferida para a escola para começar o Atendimento Educacional Especializado (AEE) com o objetivo de

“Prover condições de acesso, participação e aprendizagem no ensino regular aos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, matriculados na rede pública de ensino regular. Garantir a transversalidade das ações da educação especial no ensino regular. Fomentar o desenvolvimento de recursos didáticos e pedagógicos que eliminem as barreiras no processo de ensino e aprendizagem. Assegurar condições para a continuidade de estudos nos demais níveis de ensino” (BRASIL, 2011).

Em 2010, vieram mais 03 estudantes, desta vez, mais uma aluna surda, e duas alunas cegas, conforme tabela abaixo. Com a chegada das duas alunas com deficiência visual, foi necessária a contratação de mais um profissional para acompanhamento da aluna T. S. F. nas atividades de contraturno na sala de AEE.

Tabela 1 Relação de alunos com deficiência matriculados em 2010 na escola.

ANO	ESTUDANTE	DEFICIÊNCIA
2008 /2010	Caio Marcellus Silva de Matos	Surdos
2010/2012	Maria Tatiana dos Santos Freire	
2011/2013	Maria Aparecida Amorim	Cegas
	Ivonete Pereira de Almeida	

FONTE: MEC/INEP/Censo Escolar 2010, Escola Liceu de Iguatu.

Em 2012 chegaram ao Liceu de Iguatu mais 03 alunos surdos e uma cega conforme quadro explicativo. Neste período as barreiras se intensificavam na escola necessitando uma atenção minuciosa para rompê-las e efetivar a educação inclusiva.

Tabela 2 Relação de alunos com deficiência matriculados em 2012 na escola.

2012/2014	Antônio Moacir da Silva Filho	Surdos
	Maria Fabrícia dos Santos	
	Maria Beybe Nunes de Souza	
	Rita de Cássia de Lavor	Cega

FONTE: MEC/INEP/Censo Escolar 2012, Escola Liceu de Iguatu.

Com o aumento da demanda de alunos com deficiência visual e auditiva, com o grande número de atividades das aulas regulares e os projetos em que os alunos participam, ficou quase impossível desenvolver um trabalho de bom nível na Sala de Recursos Multifuncionais (SRM) com apenas uma professora para a organização dos materiais solicitados pelos professores da sala comum, atendimento aos alunos em contraturno e acompanhamento pedagógico aos pais dos alunos



e com apenas a professora do AEE, Silvinha Dias Ferreira Galvão. Todo esse trabalho realizado na SRM necessitou a contratação de mais pessoas habilitadas para a realização e desenvolvimento dessas atividades em tempo hábil para compor uma equipe técnica, porque os estudantes participavam das atividades dos projetos Projeto Jovem de Futuro (PJF) e aulas dos laboratórios (Química, Informática, Biologia e Física), Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) entre as demais atividades da escola.

Neste mesmo período, aos 16 de maio de 2012, foi encaminhado ofício à secretária Gêvada Weyne Linhares solicitando à Coordenadoria do Desenvolvimento da Escola e da Aprendizagem/Diversidade e Inclusão (CODEA), mais um profissional Braille com carga horária de 20h/a semanais, para formar junto ao professor do AEE uma equipe técnica e suprir as necessidades na produção de materiais em Braille, para os alunos cegos nos dois turnos. O profissional braille necessitava ter conhecimento profundo em diferentes aspectos do sistema braille, para exercer também a função de transcritor de braille reproduzindo os texto do sistema comum- sistema braille. Outras atribuições que iria desempenhar eram as produções em alto relevo com material de baixa qualidade.

Neste referido ano a equipe técnica da SRM da escola Liceu de Iguatu era composta pelo Professor do AEE Monique Cordeiro Martins de Sousa, junto a ele com o apoio a professora Braille Adriana Albuquerque dos Santos, que atuava no suporte de materiais didáticos e o interprete volante que por um tempo foi o professor Damião Michael Rodrigues de Lima e em seguida a professora Francisca Eliege Alcantara de Alencar ficando disponível em qualquer momento para os alunos surdos e suas necessidades como os demais interpretes Valneide de Moraes Almeida Lima, Cristian Santos, Katia Raulle Sousa e Katia Oliveira, que atuavam na sala de aula comum. A produção do Braille e de materiais em alto relevo era de fundamental importância para a aquisição de conteúdos dos alunos, pois a Secretária de Educação Estadual (SEDUC-CE) não disponibilizava recursos didáticos como livros a estes estudantes, quando algum chegava já se encontrava ultrapassado para o período de estudo.

No ano de 2013 ingressaram no primeiro ano do ensino médio 04 estudantes cegos e 04 surdos, enriquecendo a escola de diversidade e de novos desafios.

Tabela 3 Relação de alunos com deficiência matriculados na escola em 2013

2013	Maria. Edilândia Alves de Lavor	Cegos
	Ananda Gomes Lopes,	
	Gregório Tavares da Silva	



	Edna Ricardo Menezes	
	Bruna Fenelon de Souza	Surdos
	Marineis Cândido de Lima	
	Hildemberto de Oliveira Lucena	
	Amanda Vieira Alves	

FONTE: MEC/INEP/Censo Escolar 2013, Escola Liceu de Iguatu.

No ano de 2014, foi contratado como Brailista o professor José Douglas de Abreu Araújo ainda ingressaram mais 06 alunos com deficiência visual e auditiva no Liceu de Iguatu conforme especificado na tabela abaixo:

Tabela 4 Relação de alunos com deficiência matriculados na escola em 2014.

2014	João Marcos de Lavor Alves	Cego
	João Batista de Souza Neto	Surdos
	José Emanuel Melo da Silva	
	Antônia Thalita Gonçalves de Carvalho	
	Fabíola Alves de Andrade	
	Maycon Gonçalves de Araújo	Baixa Visão

FONTE: MEC/INEP/Censo Escolar 2010, Escola Liceu de Iguatu.

Os estudantes supracitados, especificamente os que estão a partir da segunda tabela, estiveram matriculados na escola no ano de 2014 cursando ensino médio, totalizando 11 surdos, 05 cegos e 02 baixa visão.

A equipe da Sala de Recursos Multifuncionais neste período atendeu a três estudantes com deficiência com dificuldades com o Código Braille e com a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Estes estão no Ensino Médio, mas são apenas alfabetizados e por esta razão, precisavam de atendimento para desenvolver suas habilidades e competências exigidas aos alunos do ensino médio. Os estudantes supracitados estavam matriculados na Escola de Ensino Médio Luís Gonzaga Fonseca da Mota do município de Quixelô-Ce, que compreende as escolas assistidas pela Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação Crede 16. (ver tabela abaixo).

Tabela 5 Alunos da escola Luís Gonzaga Fonseca Mota do município de Quixelô-Ce que frequentavam o AEE do Liceu de Iguatu

2014	Francisco Jarles Rodrigues Silva	Surdos
	Janailson Silva	
	José Wiliam Silva	Cego



FONTE: MEC/INEP/Censo Escolar 2010, Escola Liceu de Iguatu.

Em 2015 o governo retira a contratação do professor Brailista ficando apenas o professor do AEE José Douglas de Abreu Araújo e a interprete volante Mônica Abreu. A procura de alunos neste ano aumento com a grande quantidade de alunos com Deficiência Intelectual (DI) vindas do ensino fundamental ofertado pelo município de alunos com DI, sendo preciso incentivar aos pais e núcleo gestores a ampliar o numero de escolas que acolham alunos com deficiência. Na escola Liceu de Iguatu ingressaram mais 02 alunos com deficiência auditiva e 01 com deficiência intelectual.

Tabela 6 Alunos matriculados no primeiro ano na escola.

2015	Antonia Jéssica Sousa Silva	Surdos
	Bonfim Timóteo de Lima	
	Francisco Diôgo de Sousa	DI

FONTE: MEC/INEP/Censo Escolar 2010, Escola Liceu de Iguatu.

Conforme já relatado anteriormente foi necessário equipar a sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE) com materiais didáticos pedagógicos, com Tecnologia Assistiva, mobiliário próprio específico e outros equipamentos que proporcionassem aos estudantes o desenvolvimento de competências e habilidades a fim de superar os próprios limites da deficiência.

De acordo com o decreto nº 7.611 de 17 de novembro de 2011, que trata sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e de outros assuntos relacionados, o AEE vem neste documento definido como “o conjunto de atividades, recursos de acessibilidades organizados institucionalmente, prestado de forma complementar ou suplementar à forma dos alunos no ensino regular”. Assim, sua função é complementar às condições de formação integral do aluno por meio da disponibilidade de serviços, com o objetivo de eliminar as barreiras para sua plena participação na sociedade e desenvolvimento de sua aprendizagem, oferecer aos estudantes outras oportunidades para que eles possam adquirir as condições necessárias a sua escolarização na escola regular.

A necessidade de uma equipe técnica qualificada de apoio ao professor do AEE que segundo a indicação Resolução nº 4, de 2009, “o professor deve ter formação inicial que o habilite para o exercício da docência e formação específica para a educação especial” (BRASIL, 2009, p. 3), era clara com a demanda alunos com deficiência que confiava no trabalho da escola acerca da inclusão.

O profissional da referida sala, atua como docente nas atividades complementares específicas que constituem o atendimento educacional especializado, atua de forma colaborativa com o professor da classe regular para definir estratégias pedagógicas que favoreçam o acesso do aluno com necessidades educacionais especiais ao currículo, a sua interação com o grupo e a sua



inclusão. Promove as condições favoráveis desses alunos em todas as atividades da escola, orienta as famílias para o seu envolvimento e participação no processo educacional, informa a comunidade escolar a cerca da legislação e das normas educacionais vigentes que asseguram a inclusão educacional, participa do processo de identificação e tomadas de decisões acerca do atendimento as necessidades especiais dos alunos, prepara materiais específicos para o uso dos alunos na sala de recursos e orienta a elaboração de material didático-pedagógico para ser utilizado pelos alunos nas classes comuns do ensino regular. (BRASIL, 2009, p. 3).

Todo o trabalho desenvolvido com os alunos está articulado com novas metodologias de ensino que os estimulam a aprender a aprender, e que proporcionam condições específicas de aprendizagem dos alunos com surdez na abordagem bilíngue e dos alunos com cegueira a concretizarem suas abstrações. Após a aplicação de atividades específicas há sempre a verificação se de fato, houve aprendizagem significativa.

O atendimento acontece no contra turno, alguns vêm duas vezes durante a semana, e além do AEE eles também participam de projetos, já citados anteriormente. A produção de material acontece todos os dias, em Braille e alto relevo, facilitando o acesso dos alunos ao material de sala de aula como: provas, trabalhos, atividades, resumo do conteúdo. Todo esse trabalho deve ser realizado antecipadamente ao do professor do ensino regular, porque a escola não dispõe de livros didáticos escritos em Braille.

O trabalho do AEE está direcionado ao acompanhamento das atividades do professor da sala de aula comum, de maneira diversificada, para facilitar o entendimento dos alunos. As atividades são planejadas de acordo com suas habilidades e necessidades específicas, sendo possível compreender que o desejo dos nossos alunos com cegueira, surdez e baixa visão vai muito além de só concluírem o ensino médio. São inteligentes e plenamente capazes, de ingressar no Ensino Superior.

O ano de 2015 foi marcado por uma proposta de trabalho ampla, mesmo sem a equipe técnica a SRM, conseguiu perpassar aquilo que se resumia apenas ao atendimento e sim ultrapassar as quatro paredes da sala e demonstrar a todos que esses alunos existem na escola e são parte essencial da comunidade escolar, onde os professores, funcionários, família e núcleo gestor são responsáveis por seu desenvolvimento educacional e pessoal, como também abriu a possibilidade aos demais alunos abrir-se para a socialização entre estudantes com deficiência e os estudantes sem deficiência.



O ano foi produtivo em produção de materiais em alto relevo, eventos com relatos de experiência de alunos e professores no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará no *campus* Iguatu e Cedro, exposição da experiência da sala na CREDE 16 eventos na própria escola e os projetos que intensificaram a vida da SRM em especial o “Projeto Escrevendo o futuro: do sinal a escrita” que objetivava capacitar o surdo frente aos desafios impostos pela Língua Portuguesa nos exames de vestibulares e nacional do ensino médio, desenvolvendo a leitura, o vocabulário do surdo e a produção textual como também o “Projeto jeito Singular: Todo mundo tem que ser especial” que tinha em seu principal objetivo o reconhecer a educação Inclusiva como caminho para uma cidadania livre, conscientizando e interagindo com alunos, professores e família, adquirindo postura e atitude frente a diversidade. A participação e interação dos alunos com deficiência – professores – alunos sem deficiência para uma construção de uma escola mais justa que inclua as diferenças era o foco principal dos profissionais da educação especial no ano supracitado a exemplo da afirmação de Figueiredo (2000, p. 68-69) “são inerentes ao gênero humano [...] é preciso reconhecer o valor das diferenças como elemento de crescimento dos sujeitos e dos grupos sociais”.

Nesse sentido, a E.E.M. Dr. José Gondim – Liceu de Iguatu, proporciona o desenvolvimento integral dos alunos e de suas capacidades: intelectual, emotiva, crítica, ética e moral, tornando-os cada vez mais independentes e aptos a ingressarem na Universidade ou em cursos técnicos, facilitando a inclusão dos mesmos no mercado de trabalho. Em 2015 a aluna Maria. Edilandia Alves de Lavor passou no vestibular da Universidade Estadual do Ceará (UECE), entrando em 2016 no curso de Licenciatura em Língua Portuguesa. Os demais alunos continuam estudando para ingressarem no mundo universitário ou no campo do trabalho. O Liceu de Iguatu vivencia a inclusão de seus estudantes em toda a sua amplitude, respeitando e valorizando seus direitos.

Todo projeto de trabalho deve apontar para a possibilidade de se buscar novos conhecimentos e recursos, que venham a contribuir com a inserção dos alunos com necessidade especiais no espaço escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão escolar em seu desenvolvimento constante carece de pessoas qualificadas e postas a trabalhar nos seus processos com ações concretas para alcançar a sua efetivação hábil dentro e fora da escola. Assim a Escola Liceu de Iguatu (CE) tem impulsionado a execução de ações eficazes para que a inclusão daquelas pessoas que acessam a escola seja concretizada na prática pois as barreiras para o acesso e permanência são inúmeras como também para a integração



entre os pares da aceitação das diferenças e nelas o “mais pleno desenvolvimento escolar de todos os alunos, em um espaço de relações educacionais que valorize a diversidade como riqueza humana e cultural” (FERREIRA, 2005, p. 65).

Os desafios para a inclusão escola são inúmeros, para isso as ações que tiveram algum êxito devem ser louvadas ainda conscientes de que a plenitude dessa inclusão se encontra distante perante tantas dificuldades no ensino do país, as iniciativas devem ser conhecidas para que novas propostas venham a somar com a escola que “prepara o futuro e, de certo que, se as crianças aprendem a valorizar e a conviver com as diferenças nas salas de aulas, serão adultos bem diferentes de nós, que temos de nos empenhar tanto para entender e viver a experiência da inclusão!” (MANTOAN, 2003, p.91).

Não obstante, a experiência que a escola liceu de Iguatu (CE) obteve, já aponta conquistas de emancipação dos alunos com deficiência nas suas próprias escolhas. Infelizmente o sistema da sociedade brasileira ainda dificulta muito esse processo libertário da diversidade. Nessa pesquisa encontra-se o compromisso de uma gestão educacional para materializar o direito ao acesso da educação incentivando novas práticas entre os membros do corpo educacional e buscando da qualidade de ensino por meio de profissionais qualificados, estrutura escola e equipamentos possíveis para que se possa realizar a verdadeira inclusão dentro da escola. Por meio deste artigo compreende-se que a experiência inclusiva na escola Liceu de Iguatu (CE) se materializou por meio de pessoas compromissadas com a educação e com uma sociedade sem desigualdades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Decreto nº 7.611**, de 17 de novembro de 2011. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Casa Civil; Subchefia para Assuntos Jurídicos, Brasília, DF, nov., 2011a. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7611.htm. Acesso em: 14 ago. 2016.

_____. Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 04**, de 02 de outubro de 2009. Institui as Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica – Modalidade Educação Especial. Conselho Nacional de Educação, 2009.

_____. **Lei nº 9.394** de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Casa Civil; Subchefia para Assuntos Jurídicos, Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 14 ago. 2016.

DUTRA, C.. **Inclusão que Funciona**. In Nova Escola, setembro, 2003.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

FERREIRA, M. C. C. **Ressignificando as práticas pedagógicas da escola comum na perspectiva da educação inclusiva.** In: Anais do IX Seminário capixaba de educação inclusiva – Resignificando conceitos e práticas: a contribuição da produção científica. Vitória: UFES, 2005.

FIGUEIREDO, R. V.. **Políticas de inclusão: escola gestão da aprendizagem na diversidade.** In: Políticas organizativas e curriculares, educação inclusiva e formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão é o Privilégio de Conviver com as Diferenças.** In Nova Escola, maio, 2005.

_____. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo, Rio de Janeiro: HUCITEC/ABRASCO, 1995.

PACHECO, José. **Caminhos para a inclusão: um guia para o aprimoramento da equipe escolar.** Porto Alegre: Artmed, 2007.

PAROLIN, Isabel Cristina Hierro. **Aprendendo a incluir e incluindo para aprender.** São José dos Campos: Pulso Editorial, 2006.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

WERNECK, C. **Ninguém mais vai ser bonzinho na sociedade inclusiva.** 2ª Ed. Rio de Janeiro, 1997.